

**ENSINO (CONTEMPORÂNEO) DA ARTE CONTEMPORÂNEA –
SIMILITUDES E ENFRENTAMENTOS ENTRE METODOLOGIA E CONTEÚDO**

***(CONTEMPORARY) EDUCATION OF CONTEMPORARY ART –
SIMILARITIES AND DISSONANCES BETWEEN METHODOLOGY AND CONTENT***

Julia Rocha / UFES

RESUMO

Este texto se propõe a analisar as aproximações e os distanciamentos entre a arte/educação e a arte contemporânea, considerando características inerentes à produção artística que encontram ecos ou lapsos em relação aos processos de ensino. Serão analisadas que questões a arte/educação pode apropriar-se das obras de arte, delimitando-se em aspectos que a arte contemporânea recorrentemente apresenta em suas produções, nomeadamente: não linearidade, utilização de materiais diversos, transitoriedade, efemeridade, virtualidade, participação, interdisciplinaridade e corporalidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte/educação; arte contemporânea; metodologia do ensino da arte.

ABSTRACT

This paper proposes to analyze the approximations and distances between art education and contemporary art, considering characteristics inherent to artistic production that find echoes or lapses in relation to the educational processes. It will be analyzed what issues art education can take advantage of pieces of art, delimiting in aspects that contemporary art recurrently presents in its productions, namely: non linearity, use of diverse materials, transience, ephemerality, virtuality, participation, interdisciplinarity and corporality.

KEYWORDS: Art education; contemporary art; methodology of art teaching.

A produção artística contemporânea, conectada com as transformações ocorridas em torno dela, coloca muitas questões e apresenta diferentes características que se aproximam e dialogam com os paradigmas vividos pelo ensino da arte. Por outro lado, a perspectiva tradicional de educação subjaz nas práticas realizadas pelos professores de artes, perpetuando metodologias que se confrontam com as múltiplas perspectivas que são abordadas dentro da arte contemporânea.

Este artigo se propõe, portanto, a analisar similitudes e enfrentamentos entre a arte contemporânea e o ensino da arte, identificando aspectos recorrentes na produção dos artistas que podem ser incorporados na prática dos arte/educadores, produzindo um espaço de encontro entre conteúdo e metodologia do mesmo campo de estudo. A análise será feita dentro de uma perspectiva teórica, conceituando aspectos recorrentes e relevantes que se identificam na produção artística e espelhando-os para o âmbito pedagógico.

A análise elaborada neste texto se inscreve como parte do Projeto de Pesquisa “Arte+educação: Analogias entre objeto e campo de estudo na contemporaneidade”, que objetiva investigar desafios e potencialidades do ensino da arte e suas variadas metodologias frente aos processos artísticos inscritos no tempo contemporâneo. A análise dos pontos de encontro entre metodologia e conteúdo em relação ao ensino e à produção da arte se justifica na compreensão das especificidades que compõem cada campo e dos imbricamentos que estes produzem entre si.

Pensando do ponto de vista da metodologia do ensino da arte, Ferraz e Fusari (1993, p. 15) justificam a necessidade de um remodelamento da educação como um todo e um reposicionamento dos professores:

Quando praticamos o ensino e a aprendizagem da arte na escola surgem também questões que se referem ao seu processo educacional. Uma delas diz respeito aos posicionamentos que assumimos sobre os modos de encaminhar esse trabalho em consonância com os objetivos de um processo educativo escolarizado que atenda às necessidades de cultura artística no mundo contemporâneo.

A necessidade de uma aproximação entre as abordagens metodológicas adotadas nos processos de ensino da arte com as especificidades de seu conteúdo se reforça por conta das mudanças que cercam o sistema educacional. As perspectivas de

comunicação hoje são divergentes com os referenciais do passado na medida em que vivemos em rede, constantemente influenciados pelas culturas que nos circundam. Contudo, ainda que se esteja diante destas novas perspectivas em relação aos sistemas de comunicação, percebe-se que o ensino da arte permanece repetindo um modelo educacional que não dialoga com o objeto do qual se fala.

As próprias escolas vivenciam um momento de confronto com as questões do mundo contemporâneo, se vendo desafiadas a rever metodologias e repensando as relações entre professores e estudantes. Viviane Mosé (2015, p. 33) coloca que dentre os enfrentamentos que a educação passa está a noção de conexão, iminente diante do que se vivencia hoje. A autora afirma que o mundo contemporâneo “nos impõe questões cada vez mais complexas, vivemos em rede, a palavra mais pronunciada é, provavelmente, conexão. Mas professores e alunos continuam apertando botões na linha de montagem de uma fábrica de extinção”.

A lógica implicada no processo educacional, por consequência, se distancia cada vez mais da vivência constituída fora do espaço escolar, porque dentro dele ainda se desenvolvem propostas pautadas em modelos ultrapassados e linearizados, enquanto o espaço que circunda as escolas se constrói em rede. O saber setorizado em disciplinas e programado em aulas de cinquenta minutos não dialoga com a necessidade de conexão que se faz emergente na vivência do mundo atual.

As intenções dentro de um posicionamento contemporâneo em relação ao ensino da arte são diferentes do que se desenvolvia na educação tradicional. De uma educação e vivência no campo da arte que era fragmentada, compartimentada, rígida, busca-se percorrer uma direção que considera o campo de incertezas que vivemos, onde se percebe uma não cronologia, no qual os valores não são fechados, são relativos, onde a natureza do conhecimento é processual e a interatividade se faz presente tanto na arte, quanto na educação.

A dissonância que se percebe entre o que se ensina e o que se aprende é perceptível na medida em que estamos falando de um processo construtivo e dialógico, numa concepção de ensino onde o professor não é a única fonte de informação, mas sim a mediação entre o conhecimento construído e aquele que vai se construir a partir deste. O professor é, principalmente, o propositor e agente

destes espaços de construção de conhecimento e de reflexão a partir das experiências.

Em paralelo aos enfrentamentos e questionamentos que a educação perpassa, as novas configurações da sociedade também ameaçam e se impõem sob o sistema da arte. As respostas deste campo, contudo, acabam sendo diferentes, reagindo às transformações de maneira visual e plástica. Se referindo também aos desafios enfrentados na contemporaneidade e às possibilidades de conexão, mas pensando sob a perspectiva da arte, Fernando Cocchiarale (2006, p. 72) afirma:

O mundo contemporâneo não mais valoriza a pureza, inclusive estilística, buscada obsessivamente pelos artistas modernos em nome da interface, da multidisciplinaridade e logo a contaminação, a hibridização e o ecletismo. O mundo contemporâneo é absolutamente impuro e isto é para ele um valor. Porque se impureza é conviver com a diversidade - seja ela étnica, política, sexual etc. - ela tornou-se um valor positivo da contemporaneidade. Prefiro mil vezes a impureza que me põe convivendo com o diferente, à pureza que o exclui. O mundo contemporâneo é cheio dessas possibilidades.

A pluralidade de aspectos que o mundo contemporâneo apresenta para os artistas acaba se traduzindo em trabalhos que dialogam diretamente com esta impureza citada por Cocchiarale (2006). Não que todo trabalho de arte hoje seja um reflexo da diversidade mencionada pelo autor, mas minimamente, por meio de diferentes produções, existe um movimento de mudança que consegue ser processado em trabalhos de artes que se relacionam com seus públicos - muitas vezes escolares.

Diversos são os museus, galerias e equipamentos culturais que apresentam obras de artistas contemporâneos que dialogam diretamente com a diversidade e a impureza identificadas por Cocchiarale (2006). Entretanto, a problemática aqui se dá pelo acesso à produção contemporânea no sistema escolar, seu acesso e sua apresentação nos processos de professores que atuam na educação básica. No espaço entre escola e arte é que se identifica a falta de aproximação em termos de conteúdo e metodologia.

Neste contexto vê-se a necessidade de espelhamentos na forma como professores e artistas trabalham especificamente com seus públicos, ou seja, estudantes e espectadores. A abertura às possibilidades de mudança frente ao mundo

contemporâneo perpassa pela primordialidade de repensar os modelos educacionais que são utilizados pelos arte/educadores, seja na escolha dos referenciais imagéticos que são adotados em suas aulas, seja na perspectiva metodológica que utilizam com seus estudantes.

Parte destas transformações está propriamente na entrada dos conteúdos referentes à produção artística contemporânea em sala de aula, visto que este parece ser um obstáculo ainda não superado. Ainda que existam diversos materiais educativos destinados para professores que contemplem este tópico e que esta seja uma questão já observada em diferentes livros didáticos adotados por redes básicas de ensino, parece que a arte contemporânea não se encontra efetivamente como parte do plano dos professores.

O distanciamento pode ser justificado por diferentes perspectivas, começando por um receio por parte dos professores em se aproximar de um espectro da arte que ainda está em construção, sendo constantemente reelaborado pelos diferentes sujeitos que compõem o campo da arte, nomeadamente artistas, colecionadores, curadores, museólogos, educadores e públicos. A inexistência de um limite definido sobre o que versa a arte contemporânea poderia ser uma primeira justificativa para a resistência que se impõe sobre a mesma para entrada no espaço escolar.

Uma segunda possibilidade de justificativa seria resultante dos temas que recorrentemente são abordados pelos artistas contemporâneos, versando sobre a “impureza” e diversidade que Cocchiarale (2006) sinaliza ser presente nas obras deste momento. Tal como no mundo contemporâneo como um todo, a produção dos artistas se baseia constantemente em questões relacionadas à política, às discussões de gênero, à diversidade sexual, aos conflitos territoriais e aos tópicos controversos que atravessam as discussões cotidianas da sociedade. Parte dos professores pode não se aproximar da arte contemporânea em seus planejamentos pela resistência ou pelo medo de adentrar em discussões que versam sobre estes temas, temendo o encaminhamento que se possa construir a partir destas discussões.

Uma terceira justificativa possível para a dificuldade de identificar arte contemporânea dentro das escolas diz respeito à abordagem que se faz em relação

à disciplina de artes, pensando especificamente nas metodologias que professores utilizam na relação com seus alunos. Este ponto em si é o foco da presente reflexão, na qual se acredita que seja necessária uma transformação nos processos educativos para conseguir que a produção artística contemporânea seja incluída como tópico dentro do ensino da arte. Assume-se que a arte em si seja a interlocutora com os estudantes, criando conexões entre o que e como se fala, afinando as práticas discursivas em um mesmo sentido.

Esta necessidade de sintonizar educação e arte em relação às mudanças vividas na contemporaneidade é reforçada por Celso Favaretto (2010, p. 229), que afirma:

Estas considerações põem em relevo a necessidade de se pensar a arte na escola no horizonte das transformações contemporâneas, da crítica das ilusões da modernidade, da reorientação dos seus pressupostos – o que implica pensar o deslocamento do sujeito, a produção de novas subjetividades, as mudanças no saber e no ensino, a descrença dos sistemas de justificação morais, políticos e educacionais, a mutação do conceito de arte e das práticas artísticas e as mudanças dos comportamentos.

As noções de deslocamento do sujeito, de produção de novas subjetividades e de descrença de justificações morais e políticas são parte do que constituem a produção artística contemporânea e que vêm se opondo aos sistemas tradicionais de educação. A escola, destarte, se mostra resistente aos enfrentamentos que o mundo contemporâneo pressiona e interpele aos sujeitos que a compõe. Entretanto, a educação precisa compreender que ela é modificada pelas transformações da sociedade e não que o mundo se adaptará aos seus sistemas educacionais. Esta é uma das percepções que precisam ser transformadas dentro da lógica pedagógica, mas existem ainda outras, como, por exemplo, o entendimento de que é preciso sobrepujar os modelos anteriormente adotados para suas práticas.

A superação do modelo modernista, anteriormente sinalizada por Cocchiarale (2006) e Favaretto (2010), é um aspecto latente para os processos educativos em artes. Há a necessidade de se refazer o ensino da arte, desfazendo-se dos valores que balizaram a prática artística durante o Modernismo para encontrar outros modos de se pensar a arte/educação. Neste sentido, David Thistlewood (2008, p. 114) propõe:

Acho pertinente sugerir que os estudantes têm direito ao acesso à arte “contemporânea” através de suas práticas. O perigo está, neste

caso, na simples imitação. A imitação não é propriamente mal recebida desde que a arte-educação esteja baseada nos princípios do naturalismo pós-renascentista, já que para a sua simples imitação faz-se necessária a aquisição de habilidades que podem ser avaliadas como evidências de aprendizado. Mas a simples imitação das técnicas - mais exatamente a carência de técnica e a subsequente perda da “naturalidade” (*antiessness*) - de algumas das expressões contemporâneas é considerada improdutiva pelo critério educativo normal. Desse modo, o que estou sugerindo é um meio de ensinar arte “contemporânea” produtivamente, baseando-se nos conceitos de construção (de uma experiência prática de arte “contemporânea”), de *des-construção* do anterior (para acomodar critérios pessoais) e da constante *re-construção* dos conceitos estéticos resultantes.

A percepção de Thistlewood (2008) permite compreender a razão do movimento de recriar a prática educativa pensando especificamente na arte contemporânea. Seguir os padrões de “imitação” que eram recorrentes para as imagens desde o Renascimento até o Modernismo não condiz com as especificidades que caracterizam a produção artística contemporânea. Com isso não se quer dizer que os princípios estéticos e a construção das imagens em prol dos padrões de beleza são completamente desfeitos com a contemporaneidade. O que se defende neste momento é que a produção dos artistas contemporâneos recorrentemente privilegia questões mais relacionadas ao seu aspecto conceitual, fazendo valer as discussões produzidas a partir de suas leituras.

Pontos de contato entre ensino da arte e arte contemporânea

Pensando especificamente em características que a arte contemporânea recorrentemente apresenta e que poderiam ser base para um ensino contemporâneo da arte contemporânea, parte-se de um excerto do texto de Ronaldo de Oliveira et. al. (2008, p. 1404) que reflete sobre os desafios da relação entre arte contemporânea e ensino da arte. Os autores determinam uma série de aspectos nos quais estes dois campos se conectam:

Pensar no ensino e na arte contemporânea passa, obrigatoriamente, pela necessidade de situar onde tocamos, o que sinalizamos e que relações estabelecemos. Muitas são as questões postas pela arte contemporânea que dialogam ou coincidem com os paradigmas postos para se pensar e praticar educação na atualidade. Destacamos aqui a não linearidade, a utilização de materiais e suportes de origens diversas, a transitoriedade, o efêmero, a

virtualidade, a participação do outro na e para a realização da obra; as interfaces da arte com outras áreas, para que possamos apreender este corpo híbrido que se apresenta com outras dimensões e tantas possibilidades de apreensão humanamente multisensoriais, seja da Arte ou da Educação.

Neste sentido, serão analisadas no presente texto cada uma destas conexões apresentadas, discutindo sobre similitudes e enfrentamentos que arte contemporânea a ensino da arte encontram em sua relação. São elas: não linearidade, utilização de materiais e suportes de origens diversas, transitoriedade, efemeridade, virtualidade, participação do outro na e para a realização da obra/ação, interfaces com outras áreas e presença de um corpo híbrido.

Iniciando esta reflexão pela primeira característica mencionada pelos autores, pode-se entender que a inexistência de uma linearidade é uma prática presente em diversos processos artísticos contemporâneos. Katia Canton (2009a) fala sobre parte dos trabalhos de determinados artistas, conceituando como “narrativas enviesadas” as práticas que fazem uso da palavra sem necessariamente recorrer aos preceitos da escrita literária. Canton (2009a, p. 15) afirma que:

As narrativas enviesadas contemporâneas também contam histórias, mas de modo não linear. No lugar de começo-meio-fim tradicional, elas se compõem a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos. Elas narram, porém não necessariamente resolvem as próprias tramas.

Igualmente como afeta a produção artística, esta não linearidade também é pertinente para repensar a educação e o ensino da arte. Falando a respeito do campo da educação de maneira geral, Mosé (2015, p. 33) coloca que “As tumultuadas transformações que vivemos nos exigem competências que estão distantes de nossos modelos escolares. Enquanto aprendemos a pensar linearmente, os problemas que nos chegam se organizam em rede, e nos afetam de forma múltipla”.

Para o ensino da arte efetivamente, a não linearidade se justifica no trabalho com conteúdos diretamente relacionados à história da arte, que comumente são abordados de maneira cronológica, como se um movimento procedesse o antecessor em uma escala evolutiva de desenvolvimento. O que ocorre, efetivamente, é que diferentes sujeitos produziram imagens ao longo da história da

humanidade e que estas se relacionam entre si, não de maneira cronológica ou evolutiva. Olhar anacronicamente para uma prática artística em relação com outra, permite que novas significações sejam criadas a partir do repertório presente.

Na arte contemporânea também é usual que sejam explorados diferentes materiais e suportes, trabalhando com as técnicas tradicionais da história da arte - pintura, cerâmica, escultura, gravura, fotografia - somadas a outras possibilidades em sua produção. Para os artistas contemporâneos não existem limitações em relação aos materiais e às linguagens utilizadas, que vão desde performance, *happening*, apropriação, instalação e vídeo, passando pelo corpo também utilizado como suporte.

Para além desta amplitude adquirida com as novas linguagens artísticas, dentro dos trabalhos de arte contemporânea permite-se uma maior experimentação em relação às linguagens tidas como “convencionais”, dando abertura também ao uso de diferentes materiais, possibilitando mesclar técnicas e dando abertura para linguagens menos valorizadas ao longo da história da arte, como o grafite ou a colagem.

Esta questão é muito cara aos processos artísticos realizados no âmbito escolar. A democratização em relação aos materiais e suportes permite que arte/educadores ampliem sua gama de ações com os estudantes, fazendo uso de artefatos do cotidiano para produzir e refletir sobre arte. Com este advento, grande parte das questões dos professores de arte em relação ao difícil acesso aos materiais é superada, na medida em que dentro da produção artística contemporânea qualquer material pode ser o ponto de partida para a criação de uma obra.

Este aspecto matérico permite desenvolver outro ponto de contato entre a arte contemporânea e o ensino da arte, que diz respeito à virtualidade. A ampliação da tipologia de suportes perpassa também pelo aspecto da tecnologia sendo utilizada no trabalho dos artistas. Na medida em que as relações contemporâneas são muito relacionadas com a supramencionada noção de rede e conexão que Mosé (2015) se referiu, a virtualidade passa a ser também um representativo traço da produção artística.

Novas linguagens foram criadas com o advento da virtualidade e o uso de tecnologias se tornou um recurso habitualmente incorporado ao trabalho dos artistas. Questões relacionadas às relações interpessoais, à dependência da virtualidade e à alienação desta nova forma de comunicação são temáticas que perpassam os trabalhos de diferentes artistas contemporâneos.

Na mesma medida em que estas questões afetam a produção dos artistas, a relação com a virtualidade e as tecnologias passa a ser muito presente dentro das escolas e da rotina dos estudantes. Larissa Zanin (2017, p. 157) sinaliza que “Pensar a inserção das novas tecnologias, das mídias e das redes sociais digitais nas práticas educativas é uma questão emergencial visto que, a maior parte das crianças e adolescentes mantém contato diário com esses meios”. Este ponto dialoga diretamente com a ampliação dos suportes e materiais, visto que a tecnologia entra na escola como uma nova possibilidade de recurso para a criação.

Em defesa da utilização destes recursos dentro do ensino da arte, Zanin (2012, p. 158) continua, afirmando que em nosso campo do conhecimento, o ensino da arte, “cabe pensar modos de refletir acerca dos produtos oriundos desses aparatos tecnológicos, principalmente os que se referem a produção, veiculação e circulação de imagens, sejam elas fotografias, vídeos ou imagens da mídia”.

Retomando o olhar para a produção artística contemporânea, outra característica identificada por Oliveira et. al. (2008) se refere à transitoriedade das obras, ao que se modifica no processo e se reconstrói de outra forma. As práticas desenvolvidas dentro da arte relacional, por exemplo, dialogam diretamente com este aspecto, na medida em que a proposição do artista só se efetiva na relação com os demais e se constitui durante o tempo em que se desenvolve, fortemente influenciada pelas interferências que são causadas por estes sujeitos.

Para a arte/educação também se faz presente esta ideia de transitoriedade, nas relações que vão sendo transformadas na medida em que os sujeitos se relacionam com os processos de aprendizagem. Ana Mae Barbosa (2008, p. 12) diz que “A arte na educação contrapõe-se às supostas verdades educacionais e às mais suspeitas ainda certezas da escola”, possibilitando a assimilação desta transitoriedade como parte do processo. A autora continua (2008, p. 100), afirmando que:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano.

A efemeridade é outra característica da produção artística contemporânea que dialoga diretamente com o ensino da arte compreendido de maneira crítica em relação aos modelos tradicionais de ensino. Enquanto na arte a efemeridade se faz presente no esgotamento de alguns trabalhos em seu próprio meio - tal como acontece com as obras de *land art*, construídas na natureza com materiais dela mesma que depois se desfarão na medida do tempo -, os processos educativos processuais são efêmeros, e se esvaem na mesma medida em que se realizam.

No campo da arte a efemeridade traz conceitos de esgotamentos, de temporalidade, e de desaparecimento, produzindo sentidos que nos fazem compreender que o tempo não se materializa como eterno e trazendo desafios inclusive para seu processo de arquivamento ou de musealização. A efemeridade está presente também nas práticas que envolvem a existência de um corpo realizando uma ação diante do público, como nas obras de performance ou *happening*. Na medida em que a ação se esgota, a obra cessa - a não ser que se mantenha em registro de fotografia ou vídeo, mas que ainda assim já não é mais ação presente.

A educação por si só é construída neste mecanismo de efemeridade; os processos de aprendizagem só se realizam na mediação entre os sujeitos e no momento em que se concretizam. Os moldes tradicionais, contudo, continuam acreditando na perpetuação da aprendizagem, na medida em que ações de avaliação medem conteúdo assimilado, e não apropriação de experiências. O que se propõe que a educação espelhe dos processos artísticos é a noção de que o percurso educativo é efetivamente uma prática efêmera, que não se repete tal e qual, sendo sempre uma experiência diferente travada entre os sujeitos envolvidos e o tempo presente.

Estas relações entre os sujeitos encaminham para a discussão de outra característica bastante presente na produção artística contemporânea, que diz respeito à participação dos públicos para a efetiva realização da obra de arte. Dentro de parte dos trabalhos de artistas contemporâneos, a participação do outro é elemento primordial da existência da obra, o que reconfigura o campo da arte como

um todo. Michel Archer (2001, p. 106) afirma que neste momento “A obra não é meramente algo para se olhar, mas um espaço a ser adentrado e experimentado de um modo físico pleno”, e continua (2001, p. 235), dizendo que “Observar a arte não significa “consumi-la” passivamente, mas tornar-se parte de um mundo ao qual pertencem essa arte e esse espectador. Olhar não é um ato passivo; ele não faz que as coisas permaneçam imutáveis”.

Por vezes esta participação pressupõe entrar na obra, vestir a obra, usar a obra, consumir a obra; mas para além deste aspecto formal de participação, compreende-se que muitas obras de arte contemporânea só existem na medida em que houver uma aproximação, uma leitura do que se compreende a partir dela. Archer (2001, p. 78) sugere que “Em vez de perguntar o que uma peça significa, isto é, tentar descobrir o que o artista está tentando nos dizer, agora era mais apropriado para o ‘receptor’ considerar de que maneiras a informação dada poderia ser significativa”.

Diante desta abertura de possibilidades que são impostas na contemporaneidade, o ensino da arte encontra aproximações com o que se produz no campo da produção artística. Se de um lado temos os produtores da arte, artistas, que incorporam seus públicos, espectadores, fruidores, participantes na elaboração e realização das suas obras, de outro lado, no campo da arte/educação, fomenta-se cada vez mais uma construção dialógica do conhecimento pelo aluno e pelo professor, levando-nos, assim, a trabalhar com questões relacionadas à interatividade, incompletude e diálogo permanente.

A prática dialógica e partilhada em substituição ao ensino unidirecional e conteudista é uma possibilidade de relação deste aspecto latente da arte para dentro dos processos de ensino da arte. A participação dos estudantes como integrantes do processo, é primordial dentro de propostas que se constituam mais próximas da contemporaneidade, pensando em uma relação horizontal entre todos os sujeitos envolvidos no processo. Dentro desta perspectiva, professor e conteúdo perdem o protagonismo para se construir um exercício partilhado entre todos, efetivando a participação que também se identifica no trabalho dos artistas.

Outro aspecto da arte contemporânea que também se faz presente nos processos educativos que fogem do sistema tradicional diz respeito às interfaces possíveis de

se produzir com outras áreas. A produção dos artistas recorrentemente resvala em campos que anteriormente seriam entendidos como distantes da arte, visto que as questões trabalhadas dentro do mundo contemporâneo constantemente são permeadas por pontos da política, da ciência, do social. Arthur Danto (2006, p. 20) diz que “A arte contemporânea é por demais pluralista em intenção e realização para se permitir ser apreendida em uma única dimensão” e isso se traduz nas obras.

Barbosa (2005, p. 40) afirma que a arte contemporânea “trata de interdisciplinarizar, isto é; pessoas com suas competências específicas interagem com outras pessoas de diferentes competências e criam, transcendendo cada um seus próprios limites ou, simplesmente, estabelecem diálogos”. Compreende-se que esta problemática da interface com outras áreas é habitualmente próxima do campo da educação, visto que a prática da interdisciplinaridade é um exercício recorrentemente adotado pelos professores. Barbosa (2005, p. 41) continua, desta vez se referindo à educação:

Na escola, as artes não só devem ter seu espaço específico como disciplinas no currículo, embora ensinadas através da experiência interdisciplinar mas, também, lhes cabe transitar por todo o currículo, enriquecendo a aprendizagem de outros conhecimentos, as disciplinas e as atividades dos estudantes.

Este caráter interdisciplinar que a arte em si assume, contribui muito para a prática dos arte/educadores, possibilitados de criar projetos em parceria com professores de outras disciplinas e propor ações que versem sobre a ampla variedade de temas que a produção artística se permite trabalhar. A construção de processos educativos interdisciplinares permite uma aproximação com o fazer artístico, não se centrando em um discurso autoreferencial vazio, mas articulado com outros campos do conhecimento.

O último aspecto característico da arte contemporânea e cambiável à educação proposto por Oliveira et. al. (2008) se concentra na apreensão do corpo híbrido que se constitui com outras dimensões. A ampliação da diversidade de materiais possibilitou que o corpo se tornasse um suporte para a produção artística e constantemente vemos esta materialidade construindo diferentes sentidos na sua produção. Canton (2009b, p. 24) coloca que “Nas obras contemporâneas, em suas sensibilidades diversas, o corpo assume os papéis concomitantes de sujeito e

objeto, que aparecem mesclados de forma a simbolizar a carne e a crítica, misturadas”.

Nesta variação entre sujeito e objeto, o corpo assume-se como suporte para discutir problemáticas a respeito dele e que o envolvem como mecanismo conceitual na relação com os públicos. Canton (2009b, p. 25) continua, dizendo que os artistas contemporâneos

se mostram atentos às tensões situadas em um corpo cada vez mais idealizado pela sociedade de consumo, confusos em meio a tantas imagens cujos modelos são espetacularizados, inseguros na projeção de uma dimensão do corpo que é sempre aquela que supervaloriza a forma e o prazer.

A presença do corpo e da corporalidade são pertinentes para a prática do ensino da arte, contudo ainda não se concretizam efetivamente dentro das escolas. A programação da educação tradicional pressupõe a permanência, a obediência e a passividade dos corpos dentro do espaço das salas de aula. Esta inércia, esta imobilidade, em certo ponto se opõe ao que a arte contemporânea tem construído em relação ao corpo.

As propostas educativas em artes ainda precisam encontrar seu caminho de percorrer a questão do corpo dentro de suas produções, principalmente do corpo como suporte e como conceito. Ocorrências recentes da comoção pública reprimindo a presença do corpo e - no caso do MAM, em específico - da nudez nos espaços expositivos, demonstram o quanto este tópico ainda é uma lacuna nos processos artísticos e educativos e que precisa mais recorrentemente entrar em debate.

Ainda que se encontre certos enfrentamentos na discussão dos principais aspectos citados por Oliveira et. al. (2008), identifica-se que o ensino da arte tem timidamente encontrado um caminho para se aproximar das produções artísticas contemporâneas e, ainda mais profundamente, aos temas latentes na vivência do mundo contemporâneo. Cabe aos sujeitos do campo, portanto, apropriar-se, com maior aprofundamento e propriedade, destas questões e fazer-se contemporâneo também em suas metodologias, aproximando-se dos conceitos que envolvem o campo com o qual trabalha.

A constituição de uma prática educativa que dialogue com o objeto de estudo do qual se fala foi um exercício realizado ao longo do processo histórico que constitui a arte/educação. No decorrer de diferentes períodos do desenvolvimento da disciplina de artes dentro da escola percebeu-se que práticas do modernismo, por exemplo, foram relevantes para a elaboração de um modelo escolanovista. O que se propõe a partir deste texto é que a arte contemporânea encontre seu espaço dentro do âmbito escolar, não somente como conteúdo trabalhado dentro dos planos de ensino, mas efetivamente como metodologia do ensino da arte.

Referências

- ARCHER, Michael. *Arte contemporânea - Uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte na educação: interterritorialidade, interdisciplinaridade e outros inter. In: *Revista Visualidades*, v. 3, n. 1 (2005), p. 38-69. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/17929/10696>. Acesso em: 22 Mai. 2018.
- CANTON, Katia. *Corpo, Identidade e Erotismo - Coleção Temas da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2009b.
- _____. *Narrativas enviesadas - Coleção Temas da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.
- COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte - A arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- FAVARETTO, Celso. *Arte contemporânea e educação*. In: *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 53 (2010), p. 225-235. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie53a10.pdf>>. Acesso em: 10 Mai. 2018.
- FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte*. São Paulo: Cortez, 1993.
- MOSÉ, Viviane. *A escola e os desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- OLIVEIRA, Ronaldo Alexandre de; WARKEN, Carla Juliana Galvão; SOUZA, Maria Irene Pellegrino de O.; MOREIRA, Maria Carla Guarinello de Araújo; SILVA, Vanessa Tavares de. Arte contemporânea e ensino de arte na escola básica: A difícil tarefa e os desafios de se pensar a formação do professor de artes visuais. In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas - Panorama da Pesquisa em Artes Visuais, 2008. Florianópolis: *Anais do 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, 2008.
- THISTLEWOOD, David. Arte contemporânea na educação: construção, desconstrução, reconstrução, reações dos estudantes brasileiros e britânicos ao contemporâneo. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- ZANIN, Larissa Fabrício. Processos de significação na arte e na educação: pesquisas em ação. In: DADALTO, Maria Gorete; REBOUÇAS, Moema Martins. *Modos de ser professor de arte na contemporaneidade*. Vitória: EDUFES, 2017.

Julia Rocha

Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Mestre em Artes e Educação pela Universidade Estadual Paulista e Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Realiza pesquisa sobre o ensino da arte na contemporaneidade, mediação cultural, relações entre museus e escolas, avaliação no campo das artes visuais e formação de professores.